

## EIXO BIMESTRAL: CONTO

**PALAVRAS-CHAVE: conto; narrador; elementos do enredo; figuras de linguagem.**

### TEXTO GERADOR I

Leia o conto abaixo do brilhante escritor Moacyr Scliar e responda às questões que seguem.

#### O Tesouro no Quintal

1 Era uma família grande a nossa: pai, mãe, cinco filhos. Grande e pobre. Papai, pedreiro, mal conseguia nos sustentar. Mamãe ajudava como podia, fazendo faxinas e costurando para fora, mas mesmo assim a vida era bastante difícil. Papai vivia bolando formas de reforçar nosso orçamento doméstico ou de, pelo menos, diminuir as despesas. Foi assim que lhe ocorreu a ideia da horta.

Morávamos numa minúscula casa de subúrbio, não longe de uma bela praia, que, contudo, raramente frequentávamos: era lugar de ricos. Casa pobre, a nossa, sem nenhum conforto. Mas, por alguma razão, tinha um quintal bastante grande. Do qual, para dizer a verdade, não cuidávamos. O capim ali crescia viçoso e no meio dele jaziam, abandonados, pneus velhos, latas, pedaços de tijolos e telhas. Papai olhava para aquilo, pesaroso: parecia-lhe um desperdício de espaço e de terra. Um dia chamou os dois filhos mais velhos, meu irmão Pedro e eu próprio, e anunciou: vamos fazer uma horta neste quintal.

14 Proposta mais do que adequada. Nós quase não comíamos legumes e verduras, porque eram muito caros. Mas, se plantássemos ali tomate, alface, agrião, cenoura, teríamos uma fonte extra de alimento – e o mais importante, sem custo. Sem custo, mas não sem trabalho. Para começar, teríamos de capinar aquilo tudo e revirar a terra para depois plantar e colher. Meu pai não hesitou: vocês dois, que são os mais velhos, vão fazer isso.

25 Não gostamos muito da determinação. Não éramos preguiçosos, mas preparar a terra para fazer uma horta não era bem o nosso sonho e representaria um grande esforço. Contudo, não tínhamos alternativa. Quando papai dava uma ordem, era para valer. E, no caso, ele tinha o decidido apoio da mamãe, que era de uma família de agricultores e gostava de plantar.

Quem prepararia a terra? Foi a pergunta que fiz ao Pedro, que, além de mais velho, era o líder entre os irmãos. Pergunta para a qual ele já tinha a resposta:

– Isso é coisa para o Antônio.

Antônio era o irmão do meio. Com 9 anos, era um menino quieto, sonhador. Mas não era muito do batente, de modo que fiquei em dúvida: como convencê-lo a fazer o trabalho?

36– Deixa comigo – disse Pedro, que se considerava muito esperto. – Eu sei como convencer o cara.

E sabia mesmo. Porque Pedro era dono de uma lábia fantástica, argumentava como ninguém. Ah, sim, e sabia contar histórias – inventadas por ele, claro. Era com uma história que pretendia motivar o Antônio a capinar o pátio.

41 Eu estava junto, quando ele contou a tal história. Era uma boa história: segundo um famoso professor, séculos antes piratas franceses haviam andado pela nossa região e ali haviam enterrado

um tesouro. Expulsos pelos portugueses, nunca mais tinham retornado, de modo que a arca com joias e moedas de ouro ainda estava no mesmo lugar, que podia ser o pátio de nossa casa.

– O tesouro será a nossa salvação – concluiu Pedro, entusiasmado.

Antônio estava impressionado. Se havia coisa em que acreditava, era em histórias. Aliás, estava sempre lendo – era o maior frequentador da biblioteca do colégio.

49– Quem sabe procuramos esse tesouro? – perguntou ele.

Era exatamente o que Pedro queria ouvir.

– Se você está disposto, eu lhe arranjo uma enxada... Antônio mostrava-se mais do que disposto. No dia seguinte, um feriado, lá estava ele, enxada em punho, cavando a terra, diante do olhar admirado da família. Papai até perguntou o que tinha acontecido.

– Ele se ofereceu para fazer o trabalho – disse Pedro, dando de ombros.

Para encurtar a história: tesouro algum apareceu, mas, um mês depois, tínhamos uma horta no quintal. Antônio acabou descobrindo a trama de Pedro, mas não ficou zangado. Inspirado pelo acontecimento escreveu uma história, com a qual ganhou um prêmio literário da prefeitura. Uma boa grana, que ele usou para comprar livros. Hoje é um conhecido jornalista e escritor. Acho que ele acabou, mesmo, encontrando o tesouro.

Conto de Moacyr Scliar

<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/tesouro-quintal-424368.shtml>

## ATIVIDADES DE LEITURA

### QUESTÃO 1

Conforme aprendido, o narrador de um texto pode ser um **narrador- personagem** quando ele participa da história, ou **um narrador-observador**, quando ele se posiciona fora dela. Identifique o tipo de narrador presente no Texto Gerador I, justificando sua resposta com um fragmento do texto.

#### Habilidade trabalhada:

Identificar o foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

#### Resposta Comentada

Para resolver esta questão, é importante que o aluno saiba diferenciar um narrador-personagem de um narrador-observador. No conto “Tesouro no Quintal” de Moacyr Scliar, o narrador além de contar a história em primeira pessoa, faz parte dela, sendo por isso chamado de **narrador-personagem**. A história narrada se dá em primeira pessoa do singular ou do plural (“eu” ou “nós”). É o narrador que vive os acontecimentos por ele descritos como personagem.

Há diversas passagens do texto, que comprovam a resposta. Como por exemplo:

“Morávamos numa minúscula casa de subúrbio, não longe de uma bela praia, que, contudo, raramente frequentávamos...” (ℓ 1)

“Foi a pergunta que fiz ao Pedro, que, além de mais velho, era o líder entre os irmãos.” (ℓ 30)

“[...] de modo que fiquei em dúvida: como convencê-lo a fazer o trabalho?” (ℓ 34)

“Eu estava junto, quando ele contou a tal história” (ℓ 41)

## ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

### QUESTÃO 2

Considerando a apresentação das falas dos personagens pelo uso dos **discursos direto** e **indireto**, observe o quadro abaixo e responda ao que se pede.

– O tesouro será a nossa salvação – concluiu Pedro, entusiasmado. (ℓ. 46)

- a) Qual o tipo de discurso utilizado no fragmento acima? O que o diferencia do outro tipo de discurso estudado por você?

### Habilidade trabalhada

Identificar o uso dos discursos direto e indireto.

### Resposta Comentada

Esta questão trata da diferenciação e da utilização dos discursos direto e indireto. Nesta atividade, espera-se que o aluno, diferenciando os dois tipos de discurso, identifique o fragmento em destaque como um exemplo de **discurso direto**, já que o narrador cede a palavra à personagem de Pedro. Tudo se passa como se o leitor estivesse ouvindo literalmente a fala desse personagem em contato direto com ele. Estruturalmente, o aluno deve perceber o uso do travessão e do verbo que anuncia a fala da personagem “concluiu” como características desse tipo de discurso, o que o diferencia do discurso indireto (onde o narrador se utiliza de outro procedimento, isto é, **não** reproduz literalmente a fala da personagem, mas usa suas próprias palavras de narrador por via indireta.). Neste outro tipo de discurso, não há, portanto, o uso de travessão nem vem introduzido por nenhum verbo que anuncia a fala da personagem: a fala é apresentada em uma paráfrase e em uma oração subordinada.

Com a perspectiva de levar o aluno a diferenciar e utilizar corretamente esses dois tipos de discurso, seria interessante requisitar que a turma fizesse a transcrição de passagem do fragmento em análise para o discurso indireto. Dessa forma, os alunos perceberiam a estrutura que caracteriza cada tipo de discurso.

## TEXTO GERADOR II

Dando continuidade ao estudo do gênero textual previsto para este 2º ciclo do 2º bimestre, o conto abaixo é de autoria de uma das maiores escritoras da Literatura brasileira – **Clarice Lispector**.

### Felicidade clandestina

**Clarice Lispector**

\*\*\* Ela era gorda, baixa, sardenta e de cabelos excessivamente crespos, meio arruivados. Tinha um busto enorme, enquanto nós todas ainda éramos achatadas. Como se não bastasse, enchia os dois bolsos da blusa, por cima do busto, com balas. Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter: um pai dono de livraria.

Pouco aproveitava. E nós menos ainda: até para aniversário, em vez de pelo menos um livrinho barato, ela nos entregava em mãos um cartão-postal da loja do pai. Ainda por cima era de

paisagem do Recife mesmo, onde morávamos, com suas pontes mais do que vistas. Atrás escrevia com letra bordadíssima palavras como "data natalícia" e "saudade".

Mas que talento tinha para a crueldade. Ela toda era pura vingança, chupando balas com barulho. Como essa menina devia nos odiar, nós que éramos imperdoavelmente bonitinhas, esguias, altinhas, de cabelos livres. Comigo exerceu com calma ferocidade o seu sadismo. Na minha ânsia de ler, eu nem notava as humilhações a que ela me submetia: continuava a implorar-lhe emprestados os livros que ela não lia.

Até que veio para ela o magno dia de começar a exercer sobre mim uma tortura chinesa. Como casualmente, informou-me que possuía *As Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato.

Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam.

No dia seguinte, fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez.

Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do "dia seguinte" com ela ia se repetir com meu coração batendo.

E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra.

Quanto tempo? Eu ia diariamente à sua casa, sem faltar um dia sequer. Às vezes ela dizia: pois o livro esteve comigo ontem de tarde, mas você só veio de manhã, de modo que o emprestei a outra menina. E eu, que não era dada a olheiras, **sentia as olheiras se cavando sob os meus olhos espantados.**

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe. Ela devia estar estranhando a aparição muda e diária daquela menina à porta de sua casa. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

E o pior para essa mulher não era a descoberta do que acontecia. Devia ser a descoberta horrorizada da filha que tinha. Ela nos espiava em silêncio: a potência de perversidade de sua filha desconhecida e a menina loura em pé à porta, exausta, ao vento das ruas de Recife. Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: "E você fica com o livro por quanto tempo quiser." Entendem? Valia mais do que me dar o livro: "pelo tempo que eu quisesse" é tudo o que uma pessoa, grande ou pequena, pode ter a ousadia de querer.

Como contar o que se seguiu? Eu estava estonteada, e assim recebi o livro na mão. Acho que eu não disse nada. Peguei o livro. Não, não saí pulando como sempre. Saí andando bem devagar. Sei que segurava o livro grosso com as duas mãos, comprimindo-o contra o peito. Quanto tempo levei até chegar em casa, também pouco importa. Meu peito estava quente, meu coração pensativo.

Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade. A felicidade sempre iria ser clandestina para mim. Parece que eu já pressentia. Como demorei! Eu vivia no ar... Havia orgulho e pudor em mim. Eu era uma rainha delicada.

Às vezes sentava-me na rede, balançando-me com o livro aberto no colo, sem tocá-lo, em êxtase puríssimo.

Não era mais uma menina com um livro: era uma mulher com o seu amante. \*\*\*

(LISPECTOR, Clarice. *Felicidade Clandestina*, Rio de Janeiro: Rocco, 1998. P.9. 12.)

## ATIVIDADES DE LEITURA

### QUESTÃO 4

Após leitura atenta do Texto Gerador II, identifique os elementos do quadro.

<i>Narrador</i>	
<i>Conflito</i>	
<i>Espaço</i>	
<i>Tempo</i>	
<i>Personagens</i>	

#### Habilidade trabalhada

Identificar o foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

#### Resposta Comentada

Esta questão prevê a identificação dos elementos que compõem um texto narrativo. Um ponto que pode ser destacado para o aluno é a questão do foco narrativo. Espera-se que o discente não tenha dificuldade para identificar o foco narrativo, pois, assim como no Texto Gerador I, o narrador do conto do Texto Gerador II também é **personagem**, ela narra os acontecimentos em 1ª pessoa e, também, atua como personagem.

A narrativa ocorre em Recife: “*que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife*”. Com relação ao **tempo**, que é **quando** os fatos ocorreram, é válido o professor destacar que o Livro “Felicidade Clandestina” reúne 25 contos tendo como temática, a infância (que é o caso do conto do Texto Gerador II – “*Mas possuía o que qualquer criança devoradora de histórias gostaria de ter*”), a adolescência e a família, sem deixar, em momento algum de se referir as angústias da alma, tal como é próprio da autora.

O quadro poderia ser assim preenchido:

<b><i>Narrador</i></b>	Uma menina que é a narradora - personagem
<b><i>Conflito</i></b>	O desejo da narradora em possuir um livro que estava “completamente acima de suas posses” e que pertencia a uma menina má.
<b><i>Espaço</i></b>	No Recife; nas ruas de Recife.
<b><i>Tempo</i></b>	A narrativa ocorre durante a infância da narradora-personagem.
<b><i>Personagens</i></b>	A menina que narra a história; A filha do dono de livraria (a menina má – que é antagonista da história); E a mãe da filha do dono de livraria.

## QUESTÃO 5

Geralmente, as narrativas ficcionais são organizadas assim:

- I) **Apresentação ou exposição:** descrição das personagens, do tempo e/ou do espaço.
- II) **Complicação:** parte em que se desenvolve o **conflito**.
- III) **Clímax:** momento de maior suspense da narrativa (momento de maior tensão).
- IV) **Desfecho ou conclusão:** a solução dos conflitos.

Baseando-se nas informações acima, responda: Qual desses elementos melhor caracteriza o fragmento do Texto Gerador exposto abaixo? Justifique sua resposta.

Até que um dia, quando eu estava à porta de sua casa, ouvindo humilde e silenciosa a sua recusa, apareceu sua mãe[...]. Pediu explicações a nós duas. Houve uma confusão silenciosa, entrecortada de palavras pouco elucidativas. A senhora achava cada vez mais estranho o fato de não estar entendendo. Até que essa mãe boa entendeu. Voltou-se para a filha e com enorme surpresa exclamou: mas este livro nunca saiu daqui de casa e você nem quis ler!

### Habilidade trabalhada

Identificar os elementos do enredo: apresentação, complicação, clímax e desfecho.

### Resposta Comentada

A partir da leitura do fragmento acima, verifica-se que o elemento do enredo que melhor caracteriza o trecho em análise é o **clímax**. Observa-se que é neste momento que a mãe da menina antagonista da história aparece e descobre a perversidade de sua filha, que possuía o livro, não o emprestava e “nem quis ler”. Este é certamente o momento de maior tensão da narrativa, este é o ponto de maior suspense, pois gera no leitor certa curiosidade em saber como será o desfecho da história.

## ATIVIDADE DE USO DA LÍNGUA

### QUESTÃO 6

Observe os fragmentos extraídos do Texto Gerador II e responda a questão que segue.

### **Fragmento I**

Foi então que, finalmente se refazendo, disse firme e calma para a filha: - você vai emprestar o livro agora mesmo. E para mim: "E você fica com o livro por quanto tempo quiser."

### **Fragmento II**

Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria.

- Qual o modo de citação de discurso utilizado em cada um dos fragmentos acima (quadro I e quadro II)? Justifique sua resposta.

### **Habilidade trabalhada**

Identificar o uso dos discursos direto e indireto.

### **Resposta Comentada**

Nesta etapa, os alunos já possuem o conhecimento sobre o uso do discurso direto e indireto. Logo, não sentirão dificuldade em saber diferenciar o modo de citação utilizado em cada um dos fragmentos apresentados na questão proposta. Assim, perceberão que no fragmento I o narrador faz uso do discurso direto, uma vez que o narrador cede a palavra ao personagem, é possível perceber que há uma reprodução fiel da fala da personagem. Nota-se no fragmento I o uso dos sinais de pontuação, como os dois pontos, travessão e as aspas, além desse tipo de discurso ser introduzido por um verbo que anuncia a fala da personagem "disse". Já no fragmento II, verifica-se que não há uma reprodução fiel da fala da personagem. Ao contrário, o narrador utiliza suas próprias palavras para reproduzir a fala da personagem. Não há a presença dos sinais de pontuação, e nem a presença de verbos que anunciam a fala da personagem.

### **QUESTÃO 7**

As figuras de linguagem constituem um recurso especial de construção utilizada pelo autor para dar maior expressividade ao seu texto, tornando-o mais interessante, mais criativo, dando-lhe mais vigor, trazendo mais colorido e graça à nossa linguagem. Observe o trecho destacado do Texto Gerador II e assinale a única alternativa **correta**.

"Mas possuía o que qualquer criança **devoradora de histórias** gostaria de ter: um pai dono de livraria."

Que **figura de palavra** foi utilizada na expressão em destaque?

- a) eufemismo      b) ironia      c) metáfora      d) antítese

### **Habilidade trabalhada**

Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.

### **Resposta Comentada**

Ao analisar essa questão, observa-se que a palavra "devoradora" foi empregada fora do seu sentido habitual, ou seja, foi empregada de modo figurativo. Ao analisar cada opção da questão em análise, nota-se que as opções "a", "b" e "d" estão automaticamente descartadas, já que estas não se apresentam como resposta correta. A antítese consiste na utilização de dois termos que contrastam entre si. Ocorre quando há uma aproximação de palavras ou expressões de

sentidos opostos, o que não é o caso da expressão em destaque, além do mais esta é uma figura de pensamento. O eufemismo é uma figura de pensamento que consiste em empregar uma expressão mais suave ou menos agressiva, para comunicar algo dito de modo desagradável, o que não representa o termo em análise. Também não é possível perceber uma ironia. Logo, a opção correta é a letra “c. A expressão “*devoradora de livros*” foi usada metaforicamente. Devorar significa “comer com grande apetite”, porém no fragmento foi empregada com o sentido de “ler com grande avidez”. A personagem tinha um fascínio pelo mundo da leitura. Ela gostava muito de ler. A metáfora consiste em utilizar uma palavra ou uma expressão em lugar de outra, sem que haja uma relação real.